



BIBLIOTECAS  
MUNICIPAIS  
DE LISBOA

**Movimento: cinema, arte, elegância** (depois, **Movimento: Quinzenário Cinematográfico e Movimento: Revista de Cinema**) (Porto, 1933-1934) – Revista ilustrada com periodicidade quase sempre quinzenal e **direcionada para a informação, divulgação e crítica das atualidades do cinema e, por vezes, da moda** (as chamadas “elegâncias”). Passou a designar-se *Movimento: Quinzenário Cinematográfico* (números 5 a 24) e *Movimento: Revista de Cinema* (números 25 a 27). Foi dirigida pelo seu proprietário, **Armando Vieira Pinto (1906-1964)**, durante toda a edição, do n.º 1 (15 Jun. 1933) ao 27 (30 Set. 1934). **Armando Barros** era o seu administrador e editor, sendo a redação e administração sediadas no n.º 28, sala 4, da Rua Elísio de Melo, no **Porto**.

A composição e a impressão eram realizadas na Litografia Nacional, no Porto (capa), e na Tipografia Costa Carregal [no Carregal] (texto). As assinaturas tinham o custo de 9\$00 (3 meses) e 18\$00 (6 meses), sendo o preço avulso de cada número fixado em 1\$50. A **publicidade** seria entregue na própria sede da revista, à empresa Armando & Armando, supostamente associada ao proprietário da mesma. **Apresenta-se com um projeto gráfico arrojado, ou mesmo “revolucionário”, marcando, nesse aspeto, uma posição de relevo na imprensa portuguesa**, o que terá também contribuído para o seu sucesso.

## PROGRAMA EDITORIAL

Sob o lema “uma revista de cinema nos tempos que vão correndo, ó filhos, já é coragem...” e destinada a não ser “a revista de UM SÓ [sic], ou de UM GRUPO [sic], mas sim de todos aqueles que se interessem por ela e, conseqüentemente, pelo cinema”, **Movimento foi, de facto, um meio de escrita por parte de tantos colaboradores, que deram um registo equilibrado entre o cinema português e as notícias vindas do estrangeiro.**

No último número (30 de Setembro de 1934), o editorialista ainda referia que a publicação deste número era “a maior prova de vitalidade e esforço que jamais deu qualquer revista portuguesa”, apesar das “dificuldades nascidas da exiguidade do meio em que vivemos e contra [...] a luta desleal e mesquinha, a perfidiazinha oculta e reles, o trabalho de calúnia e combate, feito na sombra, anonimamente, sem nobreza e sem coragem, finalmente, após quási ano e meio de luta constante contra essas dificuldades todas, MOVIMENTO [sic] encontrou o caminho da segurança e da vitória.”

No entanto, este seria mesmo o último número da revista, sem que os seus responsáveis e colaboradores pudessem dar continuidade ao “sonho de todos nós”. Neste número, a direção prevenia os leitores de que a revista se suspenderia, até 1 de Novembro desse ano, prevendo-se o ressurgimento com “novo aspecto e novas fôrças”.

## CONTEXTO HISTÓRICO

**A revista *Movimento* vem na sequência de um impulso verdadeiramente significativo de edições especializadas no cinema**, que tinham aparecido nos últimos anos. Imediatamente antes de *Movimento* surgiu a partir de 1932 um jornal de atualidades quinzenais, *O Século Cinematográfico*, de Alves Santos, sob patrocínio do diário *O Século*, e foi lançada a revista *Lusitânia Filmes*, de Aníbal Contreiras e Eduardo Brasão. Em 1933, também sairia, mas em Lisboa, *Animatógrafo* (1.<sup>a</sup> série), dirigida por António Lopes Ribeiro, ainda antes de *Movimento*. Na África portuguesa, surgem *Cine* (Luanda, 1932) e *Cine África* (Lourenço Marques, 1933).

**O ano de 1933 foi de extrema importância para a produção cinematográfica em Portugal**. Para além de existir um grande entusiasmo pela arte cinematográfica, por parte de um grupo de personalidades portuguesas, em Lisboa surgiram as instalações da **Tobis Portuguesa**, com objetivos patrióticos, não só associados à arte, como à propaganda e publicidade dirigidas à “utilidade nacional”. As facilidades com que o Governo e a **Câmara Municipal de Lisboa** conferiram à empresa permitiram que esta se sintonizasse de imediato com a produção cinematográfica emergente. O projeto é do arquiteto José Cottinelli Telmo e do técnico francês A. P. Richard.

**Nesse ano (1933) foi delineado o primeiro filme sonoro inteiramente rodado em Portugal (*A Canção de Lisboa*, do próprio Cottinelli Telmo), cuja filmagem se iniciou a 17 de Junho e que teria um grandioso sucesso junto do público e da crítica**, tanto pelas suas características humorísticas e irónicas, à semelhança da revista à portuguesa, ajudadas pelo extraordinário lote de atores, como também pela promoção em jornais e revistas da especialidade. Neste caso, **a revista *Movimento* não deixou de relevar, desde o seu primeiro número, a produção desse filme, com particular destaque para o designado “galã” desta história, o portuense Manoel de Oliveira**. O filme custou 1.100 contos, sendo que a primeira volta da manivela se deu a 20 de Junho, curiosamente 5 dias depois do primeiro número de *Movimento*, e a estreia em Lisboa (São Luiz) a 7 de Novembro do mesmo ano.

A este novo tempo não se pode desligar o contexto político do novo regime, **tanto pelo impulso que deu a esta arte, tendo também objetivos propagandísticos, como pela censura imposta**. Mas, a este propósito, é relevante o texto que Alexandre Serpa escreve sob o título “Protesto contra os cortes nos filmes”, situação intolerável na sua opinião, mas que se não refere aos cortes da Comissão de Censura oficial, mas das empresas distribuidoras ou exibidoras, “que usam a tesoura, a ganância e o mau gosto para satisfazer imediata e momentaneamente o seu espírito mercantilista, que julgam incompatível com o sentido artístico e com honestidade” (15 de Agosto de 1934).

## COLABORADORES E RUBRICAS

**Marianela de Castro**, uma das colaboradoras desta revista, destaca no primeiro número de *Movimento*, precisamente, o porte desportista e

cinematográfico de **Manoel de Oliveira**, ou não fora, também, esta revista dedicada à beleza física e à moda, profusamente ilustrada. O ator, e já nessa época realizador, é apresentado com um retrato da autoria de **Francisco Viana**, fotógrafo e colaborador da revista, que admitiu essa fotografia ao Salão Internacional de Fotografia de Dublin.

Manoel de Oliveira seria um dos mais próximos amigos de um outro cinéfilo português, **Henrique Alves Costa**, figura imprescindível desta revista. Foi nesta época que se conheceram, depois da apresentação de *Douro, Faina Fluvial*, em Lisboa, no Cinema Condes, figurando no V Congresso Internacional da Crítica, na noite de 21 de Setembro de 1931. Ambos iniciaram um percurso comum de tertúlias, viagens e aventuras, enquanto um fazia filmes, o outro via e comentava-os. Nutriam uma paixão pelo cinema.

Alves Costa afirmou-se como crítico de cinema e grande referência do Cine-Clube do Porto. É dele, aliás, a ideia de criar um **Cine-Clube** (n.º 12, 15 de Dezembro de 1933), expressa num artigo sob o título “Rapazes, vamos criar um club”, corroborado por **Armando Vieira Pinto**, no número seguinte. A ideia era criar uma “associação organizada nos moldes habituais, cujos associados pagarão uma quota pequeníssima, que não excederá quatro ou cinco escudos mensais e que terá por fins: 1.º) Promover, uma, duas ou mais vezes por mês, espectáculos em que serão exibidas as mais curiosas realizações cinematográficas desde os velhos tempos até aos nossos dias (filmes de Chaplin, Stiller, Fritz Lang, Murnau, Dupont, Pudowkine, Eisenstein, René Clair, Feyder, L’Herbier, etc.) permitindo fazer-se um cuidadoso estudo da evolução do cinema e suas escolas (sueca, francesa, americana, alemã, russa). 2.º) Organizar pequenas conferências sobre os filmes a exhibir em cada sessão. 3.º) Apresentar filmes inéditos (que as necessidades comerciais dos cinemas públicos não permitam exhibir) dando a conhecer obras vanguardistas de cineastas estrangeiros. 4.º) Reexibir filmes de mérito, ainda pouco conhecidos porque a cretinice de certo público os expulsou das telas dos nossos cinemas após uma ou duas apresentações (*Assim é a Vida*, *As Aventuras do Príncipe Achmed*, etc.). 5.º) Criar uma biblioteca especializada, fornecida com revistas e livros de técnica e de doutrina cinematográfica. 6.º) Entrar em relações com idênticas associações estrangeiras para troca ou empréstimo de filmes.” Ficou lançada a ideia nestas páginas, sendo o gérmen do Cine-Clube do Porto, cujos objetivos incluídos nos seus estatutos se aproximam daqueles desejos expressos na revista.

Uma outra dupla foi constituída por **Rodrigues de Freitas** e, também, **Manoel de Oliveira**. O primeiro inspirou o segundo quando este realizaria, mais tarde, **Aniki-Bóbo (1942)**, a partir de um conto do primeiro. Ambos seriam colaboradores na revista *Movimento*, aliás, Rodrigues de Freitas refere-se, nestas páginas, à recente e já referida obra de Oliveira (com António Mendes), *Douro, Faina Fluvial* (1931): “O artista-realizador, poeta, vai visualizando os estados de alma, no homem e na natureza; os dois elementos decorrem fundidos, em ritmos correspondentes, em permanente simpatia” (30 de Setembro de 1934).

Os artigos sobre os mais recentes filmes nacionais e estrangeiros percorrem as páginas da revista, onde também são comuns artigos de opinião, até fazendo referência a escritos noutras revistas da mesma especialidade, e a referência a notícias importantes para o reconhecimento externo de Portugal como país de cinema, ou seja, a vinda de técnicos estrangeiros a Portugal, para a captação de imagens e a realização de documentários sobre o nosso país. Dá-se conta, por exemplo, das primeiras impressões de uma equipa belga sobre Portugal: “Porque não há-de êste pais ser um dia a base duma grande indústria europeia de cinema, tal como a Califórnia? Tudo se presta para isso: clima, luz, variedade inexgotável de paisagens, possibilidades de construir grandes estúdios. Oxalá que o movimento que actualmente se desenha em Portugal, [sic] seja a segunda étape para a realização dum grande futuro cinematográfico” (15 de Setembro de 1933), referia Stephane Börg, jornalista e ator, que fazia parte dessa comitiva que filmaria em Portugal cenas da película “A Pagã”. Nesta ocasião, seriam filmados os documentários “A Síntese dos Açores” (de Carlo Queeckers) e um outro que reteve costumes tradicionais desde o Minho ao Algarve, com música do português Francisco Lacerda.

**Há concursos promovidos pela revista e anúncios relacionados com a indústria cinematográfica, rádios e tipografias, mas também de produtos inusitados** (de beleza, peles de luxo, camisolas de tricot, tinta de água e café) que, a par da riqueza dos textos, **propiciou um interesse generalizado do público, atenção crescente a que não seria alheio o vasto e importante conjunto de colaboradores, tanto nacionais, como estrangeiros**, neste caso a partir da tradução de textos.

Conhece-se o núcleo central de recursos humanos desta revista a partir da lista publicada no número (24 [Julho de 1934]) em que se dá conta da morte de um dos principais colaboradores (**Luís Guedes**), surgindo, por esta ordem: Armando Vieira Pinto, Armando Barros, Alexandre Médicis, Alves Costa, Alexandre Serpa, Adolfo Casais Monteiro, Carlos Carneiro, Fernando Barros, Vasco Rodrigues, Francisco Viana e Adriana.

Dos restantes, contam-se: Alberto de Serpa, Alice, Amok, Annabella, António Botto, António Lopes Ribeiro, António Lourenço, Augusto Alcântara, Augusto de Mansilha, Baltasar Fernandes, Canelas, Carlos Moreira, [João Carlos] Celestino Gomes, Corália Escobar, Cordeiro de Brito, Eduardo Nogueira, F. Vieira, Fernando Marinho, Fernando Teixeira, Gmaritu, Grandão Rodrigues, Henrique [Alves Costa], Horácio de Castro Guimarães, Horácio Pedro, J. S., João Carlos [Celestino Gomes], João Emílio Paúl, José Augusto, José Brandão, José dos Santos Stocker, José Régio, José Rocha, Juan Piqueras, Juvenal, Leitão de Barros, M. S., Manoel de Oliveira, Maria Branca, Mariana, Marianela de Castro, Mário Palmela, Movex (Dr.), Nita Brandão, Nogueira da Maia, Pinheiro da Rocha, Ribeiro da Silva, Rodrigues de Freitas, S. & G., Santana Dionísio, Sêmi Portuguesa, Stephane Börg, Telmo Felgueiras e W. A. Soares.

O momento de abandono dos seus mais próximos colaboradores, por questões de incompatibilidade com o diretor, levou ao conseqüente fim desta publicação

que marcaria a imprensa da especialidade, não só pelo seu conteúdo de textos, como na expressão gráfica, designadamente através do ilustrador e pintor português **Carlos Carneiro**.

Jorge Mangorrinha

Lisboa, Hemeroteca Municipal, 25 de Fevereiro de 2014

### **Bibliografia Consultada**

COSTA, Alves (1978), *Breve história do cinema português (1896-1962)*. Biblioteca Breve – Série Artes Visuais, vol. 11. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa / Secretaria de Estado da Investigação Científica / Ministério da Educação e Investigação Científica, Fevereiro.

*Movimento: cinema, arte, elegância*. Porto, 1933-1934.

RAMOS, João Leitão (1989), *Dicionário do cinema português (1962-1988)*. Lisboa: Caminho.